



Ferreira, Arthur Arruda Leal

# A psicologia para além das epistemologias : um espaço plural de produção de subjetividades



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Argentina.  
Atribución - No Comercial - Sin Obra Derivada 2.5  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/ar/>

Documento descargado de RIDAA-UNQ Repositorio Institucional Digital de Acceso Abierto de la Universidad Nacional de Quilmes de la Universidad Nacional de Quilmes

*Cita recomendada:*

Ferreira, A. A. A., Correia, E. B. G., Magalhães, J. M., Gavazza, P. Z., Gomes, G. A., Pereira, N. B., Coelho, P. S. V. Madeira, R. J. P. (2012). *A psicologia para além das epistemologias: um espaço plural de produção de subjetividades. Redes: Revista de estudios sociales de la ciencia*, 18 (34), 59-84. Disponible en RIDAA-UNQ Repositorio Institucional Digital de Acceso Abierto de la Universidad Nacional de Quilmes <http://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/701>

Puede encontrar éste y otros documentos en: <https://ridaa.unq.edu.ar>

# A PSICOLOGIA PARA ALÉM DAS EPISTEMOLOGIAS: UM ESPAÇO PLURAL DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES\*

*Arthur Arruda Leal Ferreira, Eduardo Bazilio Gomes Correia,  
Juliana De Moura Quaresma Magalhães, Patrícia Zornoff  
Gavazza, Geovana De Azevedo Gomes, Natalia Barbosa Pereira,  
Paulo Santos Viola Coelho e Rodrigo José Pires Madeira\*\**

## RESUMEN

El objetivo general de este artículo es ofrecer una comprensión sobre la multiplicidad radical presente en la psicología como una red de teorías y prácticas diversas, y asimismo contradictorias entre sí. Para ello, presentaremos

\* Agradecimentos: Ao professor Rodolfo Ribas do Instituto de Psicologia da UFRJ e a Estevão Oliveira de Paula (*in memoriam*) pela ajuda no trabalho com a parte estatística.

\*\* Los autores, son, respectivamente:

Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e dos Programas de pós-graduação em história da ciência, tecnologia e epistemologia (HCTE) e de Psicologia. Pesquisador financiado pelo CNPQ (bolsista de produtividade). Correo eletrônico: <arleal@superig.com.br>.

Psicólogo formado pelo IP/UFRJ. Bolsista de iniciação científica (FAPERJ e PIBIC) no período de execução da pesquisa. Correo eletrônico: <lioziba@yahoo.com.br>.

Psicóloga formada pelo IP/UFRJ e mestranda pelo programa de pós-graduação em Psicologia. Bolsista de iniciação científica (PIBIC/UFRJ) no período de execução da pesquisa. Correo eletrônico: <juli\_sai@yahoo.com.br>.

Psicóloga formada pelo IP/UFRJ. Estagiário da pesquisa no período de sua execução. Correo eletrônico: <patricia.gavazza@gmail.com>.

Estudante do curso de psicologia do IP/UFRJ. Estagiária da pesquisa no período de sua execução. Correo eletrônico: <giazevedogomes@gmail.com>.

Bolsista atual da pesquisa. Estudante do curso de psicologia do IP/UFRJ. Correo eletrônico: <nataliasemacento@ig.com.br>.

Estudante do curso de psicologia do IP/UFRJ. Estagiário da pesquisa no período de sua execução. Correo eletrônico: <paulosvcoelho@hotmail.com>.

Psicólogo formado pelo IP/UFRJ. Estagiário da pesquisa no período de sua execução. Correo eletrônico: <piresmadeira@oi.com.br>.

inicialmente una discusión epistemológica sobre la multiplicidad radical, destacando la forma en que este debate está vinculado al de la cientificidad de la psicología. A continuación, se planteará otro modo de considerar esta multiplicidad radical, tomando como base la teoría Actor-Red de Bruno Latour, Annemarie Mol y John Law, así como la Epistemología Política de Isabelle Stengers y Vicienne Despret. Se partirá de la consideración de las diversas psicologías como dispositivos de producción ontológica de subjetividades. Se mostrará finalmente un conjunto de trabajos de investigación tratando de evaluar la presencia y las formas de subjetivación psicologizadas entre estudiantes adolescentes de la ciudad de Río de Janeiro. En el apartado de conclusiones serán discutidos los resultados de esta investigación teniendo en cuenta las propias políticas ontológicas presentes en la elección de los métodos utilizados.

PALAVRAS CHAVE: MULTIPLICIDADE DA PSICOLOGIA – TEORIA ATOR-REDE – EPISTEMOLOGIA POLÍTICA – PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES.

## O DEBATE EPISTEMOLÓGICO SOBRE A MULTIPLICIDADE DA PSICOLOGIA

Nos países de língua francesa,<sup>[1]</sup> o debate sobre a pluralidade do saber psicológico tem sido conduzido desde a década de 1940, com os defensores da unidade como Daniel Lagache (1988 [1949]) e Robert Pagés (1958) se opondo aos denunciantes da sua pluralidade como Georges Canguilhem (1973 [1956]), Jacques Gagey (1968) e Michel Bernard (1973). Os primeiros sustentam que a unidade está calcada ora num projeto de uma ciência das “respostas significativas nas quais o ser vivente integra as tensões que ameaçam a integridade e o equilíbrio do organismo” (Lagache, 1988 [1949]) ora na própria possibilidade de operacionalização empírica dos problemas (Pagés, 1958). Por outro lado, os autores que sustentam a

[1] Este debate epistemológico sobre a multiplicidade da psicologia se fez bastante presente em outros países, como nos Estados Unidos (por exemplo, o debate em torno da proposta do positivismo unificado de Staats, 1991) e mesmo no Brasil (conferir o excelente artigo de Garcia-Roza, 1977). A escolha do cenário francês se deu pela sua longevidade e posições bem marcadas. No entanto é importante considerá-lo no contexto da absorção da psicanálise ao meio acadêmico francês: seja pela psicologia, seja em contraste com esta. Uma boa análise, por exemplo, dos desdobramentos do artigo de Canguilhem (1973 [1956]) pode ser encontrada em Roudinesco (1993).

pluralidade também se caracterizam por tentar explicá-la. É assim que Canguilhem e Gagey, inspirados no Racionalismo Aplicado de Gaston Bachelard, delegam a pluralidade a projetos diferenciados, inspirados em outras ciências, que habitariam o campo psicológico. Canguilhem (1973 [1956]) aponta para cinco possíveis projetos psicológicos sem qualquer entrelaçamento ente si: a) como ciência da alma (de inspiração aristotélica); b) como ciência do sentido interno (equivocadamente embasado nas meditações cartesianas); c) como física do sentido externo (contrastando a nossa experiência com a realidade apontada pela física); d) como ciência do sentido íntimo (inspirada em questões psicopatológicas); e) como ciência das reações (apoiada na biologia, mas também no tecnicismo e no igualitarismo meritocrático das sociedades contemporâneas). Gagey, por sua vez, entende a psicologia como constituída ao “assimilar e acomodar os modelos científicos propostos por outras disciplinas” (Gagey, 1968: 30), apta a espelhar as mais diversas fases da “dialética epistêmica”, conduzindo a seis distintos projetos: a) saber classificatório (baseado na taxonomia); b) inspirado no cartesianismo; c) como ciência baseada na física positivista; d) inspirada no modelo biológico; e) como prática de aposta (influenciada pela estatística); f) enquanto *mit-sein* (coroadada pela clínica psicanalítica).

Numa análise mais pormenorizada, Bernard (1973) aponta que esta pluralidade epistemológica não é suficiente para se compreender a dispersão psicológica. Para tal, seria necessário ter em conta um conjunto de psicotécnicas, ou de práticas sociais em que a psicologia estaria assentada. Desta forma, podemos entender a diversidade do campo psicológico como o cruzamento diverso de projetos científicos oriundos de outros saberes com práticas sociais ou psicotécnicas. Mas o que sustentaria essa diversidade de orientações psicológicas, com fundamentos, atuações e resultados tão diversos (e mesmo contraditórios)? Bernard (1973) nos mostra que uma das principais marcas da psicologia é a produção de uma cultura psicológica, como efeito de sua difusão. Neste sentido poderíamos aqui compreender que as múltiplas orientações se reforçam por seus efeitos no próprio objeto de estudo, os sujeitos em pleno processo de psicologização.

Estas breves colocações, dentro de um quadrante epistemológico, auxiliam a realizar uma certa cartografia da multiplicidade da psicologia. Contudo, este viés epistemológico implica em adotar alguns pressupostos assimétricos na tomada dos saberes em questão, como a oposição entre conhecimento científico (sede da verdade), e o conhecimento comum (refúgio do erro). Nesta assimetria, o julgamento da cientificidade ou não de um saber se articula à questão da unidade & multiplicidade. Neste

quadrante, a multiplicidade radical da psicologia é tomada como marca de sua a-cientificidade e não como característica singular deste saber. Pois a evolução do saber científico sempre suporia uma unidade, uma racionalidade a ser superada por outra mais ampliada, no seu distanciamento do senso-comum. Se a psicologia não se alinha em uma unidade, ela provavelmente não possuiria a racionalidade que marcaria o seletivo circuito dos saberes propriamente científicos. Ainda que esta racionalidade possa ser considerada de forma plural como faz Gagey (1968), seus efeitos de subjetivação ou “cultura psicológica” também são vistos como algo externo aos saberes propriamente ditos, passíveis, portanto de purificação e correção.

### **MAIS ALÉM DAS EPISTEMOLOGIAS: A TEORIA ATOR-REDE E A EPISTEMOLOGIA POLÍTICA**

As teses epistemológicas remetem a assimetria entre o saber comum e o científico a um devir histórico evolutivo, em que o conhecimento científico se apresentaria como representação progressivamente mais adequada, racional e unitária de um determinado campo de fenômenos. Contudo, é importante revisitar a questão da multiplicidade da psicologia num quadrante “mais além das epistemologias”, experimentando a abordagem do conhecimento científico sob outros pressupostos. Uma alternativa interessante pode ser buscada na Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, Annemarie Mol e John Law, e na Epistemologia Política de Isabelle Stengers e Vinciane Despret. Tais abordagens recusam qualquer tomada assimétrica entre conhecimento científico e não-científico, recusando qualquer processo de evolução ou salto epistemológico. Contrário das teses anteriores, o conhecimento científico é aqui concebido na articulação e co-afetação entre entidades, na produção inesperada de efeitos, e não no salto representacional dado na identidade entre uma sentença ou hipótese prévia e um estado de coisas a ser progressivamente desvelado. Tomado como articulação, o conhecimento científico não se distinguiria mais entre boa e má representação, mas boa e má articulação. No primeiro caso, há uma situação em que a articulação é extorquida ou condicionada a uma resposta pontual, conduzindo os seres pesquisados a um lugar de “docilidade”. No segundo, há uma articulação na qual o testemunho iria além da mera resposta, abrindo-se ao risco de invalidação das questões e proposições do pesquisador e a colocação de novas questões pelos entes pesquisados. Esta seria uma relação de recalitrância.

Nesta perspectiva sobre o conhecimento científico, a multiplicidade é tomada num sentido positivo. Nas palavras de Despret (1999), por exemplo, a psicologia é composta de versões que se tornam mais fecundas na medida em que guardam referência às demais como modos de articulação. O problema ocorreria quando estas versões buscam operar de modo totalizante, gerando visões, que excluem as demais. Este raciocínio não seria exclusivo para a psicologia; valeria para as demais ciências e refletiria o sentido específico que a epistemologia política de Stengers e Despret confere ao termo “generalização”. Latour destaca o seu sentido específico: “a generalização deve ser o veículo para se viajar através do maior número de diferenças possíveis –então maximizando as articulações– e não uma forma de diminuir o número de versões alternativas do mesmo fenômeno” (Latour, 2004: 220).

De modo semelhante, Annemarie Mol e John Law tomam a multiplicidade em um sentido positivo para diversos dispositivos científicos e técnicos a partir de sua concepção de Políticas Ontológicas. Para estes autores as diversas práticas científicas mais do que representarem uma realidade pré-dada de diferentes perspectivas, elas produzem mundos distintos (múltiplos) sem qualquer unidade última (singularidade), mas também não inteiramente desarticulados (pluralidade). É aqui que se faz a especificidade do termo “multiplicidade”: ela não é uma anomalia perante um mundo único e singular, tal como concebe a Metafísica Euro-Americana (Law, 2004), nem apontaria para uma pluralidade de eventos sem vínculo: “Nós estamos em um mundo em que corpos, ou organizações, ou máquinas são mais que um e menos que muitos. Algo no entre” (Law, 2004: 62).

Um exemplo desta multiplicidade performada pode ser encontrado no estudo de Mol (2002) sobre a arteriosclerose. Esta não seria entendida como um estado patológico inerente ao corpo a ser representado de diferentes perspectivas (no laboratório ou em exames clínicos). Cada uma destas práticas científicas performa uma forma de arteriosclerose, uma realidade patológica que não necessariamente se recobre, mas que também não é absolutamente disjunta. Daí o termo “Políticas Ontológicas”, pois cada método, cada prática científica artefaz uma determinada realidade dente outras possíveis. Que no jogo com as demais práticas científicas constitui um multiverso: mais que um, menos que muitos.

Para Latour (2001a), o conhecimento científico igualmente se produz nos marcos de uma performance plural na articulação e co-afetação entre diversos atores e na produção inesperada de efeitos. Para se entender de modo mais detalhado os múltiplos modos de articulação dos saberes científicos, é necessário trazer a baila seu modelo de sistema circulatório. Aqui,

cada prática científica seria abordada a partir do seu vasto e denso sistema de redes e capilaridades, sem as tradicionais oposições dos historiadores das ciências entre abordagens internalistas e externalistas. Da mesma maneira que não há sentido em se perguntar se nosso sistema circulatório é em essência coração ou veias e artérias, as práticas científicas não podem ser tomadas apenas ora por sua rede conceitual (internalismo) ora por seu contexto social (externalismo). Tentando superar esta antiga oposição é que Latour propõe seu sistema circulatório, composto por uma série de circuitos, como: 1. Mobilização do mundo, ou conjunto de mediações aptas a fazer circular os entes humanos e não-humanos através do discurso (instrumentos, levantamentos, questionários e expedições); 2. Autonomização, ou a delimitação de um campo de especialistas em torno de uma disciplina, capazes de serem convencidos ou entrarem em controvérsia; 3. Alianças, ou recrutamento do interesse de grupos não científicos, como militares, governamentais e industriais; 4. Representação Pública, ou o conjunto de efeitos produzidos em torno do cotidiano dos indivíduos; 5. Os Vínculos e Nós, que dizem respeito ao coração conceitual, que amarra todos os demais circuitos.

Sem a circulação e mobilização de todos estes circuitos não é possível entender a produção e a manutenção de um trabalho científico. O exemplo fornecido por Latour (2001a) é o referente trabalho de Frédéric Joliot, na tentativa de montagem de uma bomba de nêutrons na França durante o período anterior ao da invasão alemã. Para o esforço de montagem desta bomba é necessário não apenas uma rede de conceitos científicos a serem depurados, mas a constituição de laboratórios, a parceria de especialistas, e o interesse do governo, da indústria e dos militares, além do apoio da opinião pública mobilizada pela corrida armamentista prévia à Segunda Guerra Mundial. A compreensão deste esforço de montagem da bomba de nêutrons não pode prescindir de nenhum destes componentes, sem os quais todas leituras resultariam parciais.

## AS PSICOLOGIAS ENTRE SISTEMAS CIRCULATÓRIOS PLURAIS

Como se caracterizariam os diversos sistemas circulatórios presentes na psicologia?

Em primeiro lugar, pode-se dizer que a psicologia operaria com um conjunto de sistemas circulatórios sem articulação, ou possibilidade de tradução ou translação entre si. Nas palavras de Despret (1999), tais sistemas circulatórios fechados muitas vezes operariam como visões, sem relação com as demais versões. No caso, a psicologia seria composta de uma série

de nós e vínculos conceituais parciais sem um nó maior que os articule. Este nó seria frouxo até mesmo na definição do que vem a ser a psicologia (ciência das condutas? dos fenômenos mentais? da experiência? do inconsciente?). Cada um destes sistemas circulatorios e seus vínculos conceituais se conectaria apenas com certos problemas e questões práticas e com uma rede de práticas científicas específicas. De mais a mais estes vínculos conceituais na psicologia são em sua maior parte importados de outras ciências naturais, a fim de fornecer respaldo à cientificidade deste saber: sensação da fisiologia; adaptação e condicionamento da biologia; equilíbrio e energia da física; informação e programa da informática. Trata-se do que Stengers (1989) denomina de captura conceitual.

No que tange a Autonomização, há entre os psicólogos algo que Canguilhem (1973 [1956]) pôde designar como um consenso mais pacífico do que lógico, dado o conjunto de orientações, projetos e versões presentes em nosso campo. A autonomia da psicologia como saber e prática se produz ao mesmo tempo em que se gera a autonomização de diversos grupos com versões da psicologia desarticuladas e mesmo antagonicas entre si (estruturalismo, funcionalismo, behaviorismo, gestaltismo, psicanálise, etc.). Como destaca Foucault (1957), a psicologia se constitui no processo de denúncias recíprocas de ilusão entre os seus diversos grupos de pesquisa: denúncia do elementarismo, mentalismo, da insuficiência da consciência, etc. Contudo, o problema não diz respeito apenas a nossa articulação interna, produzindo uma geopolítica fragmentada ao modo da Bósnia na década dos 1990; pode-se dizer também que as fronteiras da psicologia são bastante porosas, se abrindo nas mais diversas direções: psiquiatria, pedagogia, administração e neurociências, criando vários espaços indiferenciados com colaborações, mas também disputas de competências. Aqui de modo mais claro que em qualquer um dos componentes do sistema circulatorio se expressa a sua pluralidade inarticulada; a psicologia seria mais articulada externa que internamente. É possível afirmar que o radical “psico” aqui designa mais um modo de trabalho emprestado a diversas áreas (psico-metria, psico-física, psico-fisiologia, psico-sociologia, etc) do que um campo profissional articulado de forma singular ou múltipla.

Quanto às Alianças, estas têm sido aparentemente ambíguas, pois se o investimento dos setores governamentais e privados em certos setores científicos é bem mais maciço que na psicologia, por outro lado assiste-se uma diversificação dos interesses em relação a este saber. Se inicialmente este interesse se centrava em funções bem delimitadas como a seleção e o ajustamento em espaços específicos como a escola ou a fábrica, hoje ele se espalha para toda uma série de campos, como na burocracia governamental, nas forças



armadas e de segurança, e no aparato judiciário, entre outros. E com funções bem diversas: análise organizacional e institucional, diagnóstico sobre indivíduos e grupos, planejamento de atividades, trabalhos comunitários, etc. Nas palavras de Rose (1998) as psicologias se tornam importantes vetores nos atuais modos de gestão das populações por meio da sua liberdade.

Contudo, é no campo das Representações Públicas que se possui uma maior rede de articulações e interesses em torno da psicologia, mesmo guardadas algumas desconfianças de seu público. Articulações que se dão, especialmente através de uma firme fé em seu suposto saber sobre a natureza humana. Neste caso é notório como certas categorias como as de Inconsciente ou Complexo de Édipo se tornaram capitais no relacionamento com nós mesmos ou com os demais. A diferença em relação às abordagens epistemológicas é que estas Representações Públicas não são tomadas como distorções, crenças ou resíduos culturais de uma operação científica; elas são traduções ou translações que garantem a densidade e mesmo a realidade, de um dado sistema circulatório no campo das psicologias.

Quanto à Mobilização do Mundo, Rose (1998) destaca que a grande novidade dos saberes psicológicos seria a criação de técnicas de inscrição aptas a quantificar e sumarizar nossa subjetividade para dispositivos de governo em sociedades liberais-democráticas. Contudo, como lembra Stengers (1989), raramente estas técnicas de inscrição na psicologia são produzidas de forma inovadora, sendo em geral capturadas de modelos consagrados em outras ciências como física, química ou biologia. Outro problema é que no campo psicológico, as técnicas de mobilização forjadas não circulam de forma livre em sua extensão; elas trafegam apenas no campo de uma determinada orientação onde ela pôde ser forjada. Não seria o que Latour designa como “móveis imutáveis”, permitindo “novas translações e articulações, ao mesmo tempo em que mantém intactas algumas formas de relação” (Latour, 2001b: 350). Na psicologia, pelo contrário, existiriam diversos “imóveis mutáveis”; imóveis porque restritos a um certo projeto ou versão, e mutáveis graças a sua potência de produção de subjetividade na articulação com seus testemunhos e público consumidor.

Se algo, portanto, une as diversas psicologias é a sua múltipla capacidade de fabricar sujeitos, “eus artificiais” (Latour, 1998) seja na divulgação do seu saber, seja no trato, diagnóstico e nas próprias atividades de pesquisa. Como visto, este aspecto produtivo, seja de mundos ou de subjetividades, não é concebido para a Teoria Ator-Rede (e a Epistemologia Política), como um resto parasitário, mas um aspecto próprio da produção de conhecimento. O problema é que de forma muito freqüente faz-se presente um modo de produção embasado na extorsão de seus testemunhos (Stengers, 1989);

não apenas pelo modo como as tarefas são demandadas, mas especialmente pela forma como estes testemunhos se colocam, raramente apresentando problemas ou questões. Esta idéia é consoante com a distinção operada entre a freqüente obediência e docilidade à autoridade científica dos seres humanos em oposição à recalcitrância dos seres não-humanos:

Contrário aos não-humanos, humanos tem uma grande tendência, quando colocados em presença de uma autoridade científica, a abandonar qualquer recalcitrância e se comportar como objetos obedientes oferecendo aos investigadores apenas declarações redundantes, confortando então estes investigadores na crença de que eles produzem fatos ‘científicos’ robustos e imitam a grande solidez das ciências naturais (Latour, 2004: 217).

Para Latour (1997), as ciências humanas só se tornariam realmente ciências não se imitassem a objetividade das ciências naturais, mas sua possibilidade de recalcitrância. Em resumo, pode-se dizer que o grande problema da psicologia não é a sua capacidade de influir ou produzir sujeitos, mas seu modo de produção ao extorquir o testemunho destes, inibindo qualquer possibilidade de recalcitrância. Em poucas palavras, pode-se dizer que a psicologia é uma poderosa máquina de múltiplas capturas (Ferreira, 2001), capturando e articulando conceitos científicos, estratégias de mobilização, interesses de comunidades científicas e de uma série de instituições e grupos, respondendo a questões e demandas de nossa vida cotidiana. Conjugando via processos de hibridação seus diversos sistemas circulatórios desarticulados, mas com alto poder de produção de subjetividades. Graças, no entanto a seu suposto “poder de ser ciência”, ao peso de suas “visões científicas”, inibindo-se toda uma gama de outras versões possíveis. Isto não em uma forma genérica, mas por meio de mecanismos bem específicos presentes nas psicotécnicas e práticas de pesquisas.

## RECORRENDO AOS MÉTODOS CANÔNICOS

Partindo da discussão anteriormente apresentada, o objetivo deste artigo é estudar empiricamente a produção de subjetividades gestada pelos diversos sistemas circulatórios da psicologia. Contudo, como estudar tais processos? Como aponta Law (2004), os métodos não são simples dispositivos seguros de representação de uma realidade dada, mas englobam modos políticos de produção de realidades. Neste caso, torna-se importante uma série de escolhas em termos de estratégias de investigação.

Em primeiro lugar, urge por em questão o alcance deste estudo. Ele poderia ser envolver a análise de um conjunto específico de dispositivos ou técnicas psi (testes, escalas de atitude, pesquisas de opinião, correntes terapêuticas ou de aconselhamento, etc), métodos de pesquisa (hermenêuticos, experimentais, de campo, etc.) e trabalhos de difusão. Contudo, neste artigo, a opção será por rastrear tais efeitos de subjetivação numa escala mais ampla, sem atentar para os dispositivos específicos que levaram à sua produção. Neste aspecto, o que se deseja é não apenas rastrear a sua força, mas compará-la com a de outros mecanismos de subjetivação, além de medir a força entre certas orientações e enunciados psi.

Tomando em consideração este alcance mais amplo, coloca-se em seguida a questão de qual população poderia ser mais interessante para este estudo. A escolha foi por uma investigação junto a estudantes do segundo grau, assim considerados na medida em que portam, como grupo, uma alta heterogeneidade em termos de bairros de origem, nível de renda, e experiências culturais. Mesmo com todo o esforço de homogeneização em termos de conteúdos pedagógicos, não há ainda junto a tais estudantes qualquer especialização profissional, e no caso da psicologia, nenhum dispositivo específico, como uma disciplina. Visando sustentar tal diversidade, foram escolhidos para participar desta pesquisa cerca de 290 alunos oriundos de quatro escolas públicas e privadas da cidade do Rio de Janeiro. Escolas que possuíam uma clientela de distintas regiões com distinto poder aquisitivo (algo que no Brasil ainda aponta para enormes contrastes).

Contudo, a escolha mais delicada a ser feita dizia respeito ao próprio *design* da pesquisa. E aqui se buscou a opção mais delicada desta investigação. A pista básica foi sugerida por Gergen (1976), que afirma que mesmo as técnicas mais tradicionais de pesquisa psicológica, como escalas de atitude, questionários e pesquisas experimentais, oferecem testemunhos históricos de uma época e jamais uma radiografia última da natureza humana. Porém, como tais dispositivos de pesquisa supostamente marcados pela busca de rigor e neutralidade poderiam trazer à cena algo sobre os processos de subjetivação psicologizada? Não se estaria assim compondo tais métodos com uma ontologia e uma concepção de conhecimento distintas das que nortearam a sua fabricação?

Tais métodos mais canônicos (especialmente os experimentais) trazem junto a si toda uma concepção representacional do conhecimento, na qual a realidade configura-se como externa, independente, pré-dada, definida, e singular (o que seria próprio da metafísica euro-americana segundo Law). Neste caso, os métodos são postulados, visando controlar

qualquer forma de influência ou contaminação na relação entre pesquisadores e pesquisados. Portanto, como conjugar tais métodos com uma investigação que supõe o conhecimento como articulação, vinculação ou produção? Como Law destaca, tais abordagens mais canônicas não seriam inválidas; elas apenas não servem para trazer a cena aspectos mais fluidos da realidade, dando conta apenas de seus aspectos mais estabilizados (Law, 2004).

Contudo, o recurso a tais métodos apresentava um outro sentido, além do trabalho com realidades mais massivas (uma população de estudantes do segundo grau) e o deslocamento da sua ontologia e gnosiológica. Trata-se do desafio a sua própria pureza pretendida, e em um aspecto bem específico: a busca de um testemunho neutro e sem influência dos dispositivos da pesquisa, o que na história dos métodos psicológicos se cunhou como a constituição do “sujeito ingênuo”. Como destaca Despret (2004), muito da história dos métodos psicológicos pode ser contada como a passagem de um *design* em que os pesquisados deveriam ser *experts* treinados (como ocorrem nos primeiros laboratórios psicológicos no final do século XIX/início do século XX) para outro em que os participantes deveriam ser privados de qualquer informação sobre as metas, questões, recursos e hipóteses da pesquisa, afim de não influenciá-los. Despret (2002) aponta que neste aspecto os investigados passam de *experts*, com uma importância por vezes maior que a dos experimentadores para um espaço de desconhecimento e ingenuidade, em que eles podem ser “qualquer um”.

Na discussão dos resultados, as problematizações de Despret sobre o “sujeito ingênuo” serão retomadas. Por hora basta dizer que o uso destes métodos na pesquisa sobre produção de subjetividade possui três sentidos: 1) o trabalho com grandes populações (como permitem os métodos quantitativos); 2) a performance de aspectos estabilizados de nossa subjetividade; 3) o desafio homeopático (*similia similibus curantur*) ao pressuposto de não influência contida nestes métodos. No caso desta investigação, a utilização destas estratégias de pesquisa consideradas como mais rigorosas tem como finalidade paradoxal por em questão a sua pureza. E como isto poderia ser posto em questão? Por meio da captação de uma subjetividade psicologizada, pois esta conduziria a um duplo problema: a) Ou o método representa bem a realidade, mas esta seria a da inexistência do sujeito ingênuo (e pelo contrário, bastante psicologizado); b) Ou o método falha mesmo tentando preservar a ingenuidade dos pesquisados, influenciando-os, extorquindo a sua verdade. Vejamos como isto pôde ser posto em questão por tais métodos.

## INSTRUMENTOS

De modo mais específico, os instrumentos desta pesquisa foram elaborados por uma equipe que incluía estudantes de segundo grau, estagiários de psicologia e bolsistas de pesquisa, tendo a revisão de psicólogos de diversas tendências e profissionais de diferentes áreas (quando havia enunciados de suas áreas comparados aos da psicologia). Uma vez montados, estes instrumentos foram muitas vezes pré-testados, visando o equilíbrio entre as alternativas a serem apresentadas para escolha dos estudantes. E como é praxe no Brasil, estes instrumentos foram submetidos ao comitê de ética em pesquisa do IESC/UFRJ, e devidamente aprovados.

Para efetivação dos pesquisados nesta posição de “sujeitos ingênuos”, foram apresentados os instrumentos como sendo de uma pesquisa de opinião sobre temas gerais, produzida por pesquisadores e estudantes de diversos cursos da UFRJ (mas não de psicologia), ocultando-se também os objetivos da pesquisa. Este apenas era revelado no momento em que o Termo de Consentimento Esclarecido à participação na pesquisa era apresentado, após a resposta aos instrumentos. Os instrumentos e os resultados que serão apresentados dizem respeito à terceira ida a campo. Serão feitas referências às aplicações anteriores, não apenas para apontar mudanças nos resultados, mas transformações nos próprios instrumentos.

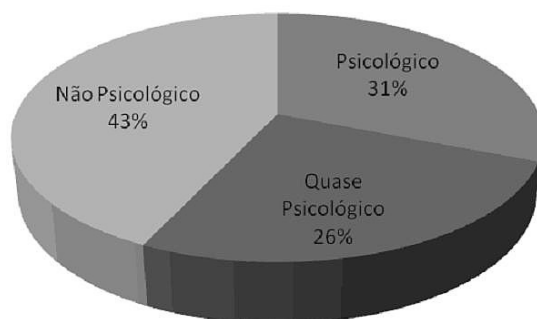
## PERFIL: SONDANDO OUTROS DISPOSITIVOS DE PSICOLOGIZAÇÃO

Após a realização do questionário e esclarecidos os objetivos da pesquisa, junto com a apresentação do Termo de Consentimento Esclarecido era pedido que os alunos participantes respondessem questões sobre as suas leituras, programas preferidos na TV, profissão almejada, profissão dos pais e contato com psicólogos. Isto foi feito com a intenção de captar a presença de um perfil delimitado de possíveis agências de psicologização. Para tal, foram considerados três possíveis graus de presença de dispositivos psicológicos: 1) Um claro perfil psicológico (onde havia contato com pais, parentes ou amigos psicólogos, alguma forma de atendimento psicológico, acesso a livros, revistas, filmes com temas psicológicos, ou interesse em formação como psicólogo); 2) Um claro perfil não psicológico (na ausência de qualquer contato, atendimento ou interesse); 3) Um perfil quase-psicológico (na presença de casos fronteirços, como influência de pessoas com profissões vizinhas à psicologia como pedagogia, psiquiatria, administração e leitura de revistas ou livros de auto-ajuda). A

presença de um determinado número de índices quase-psicológicos em um perfil (acima de quatro), conduzia à classificação do perfil pesquisado como claramente psicológico.

Esses dados de perfil são importantes para serem cotejados com os resultados das sondagens, dados que sinalizam a potencial influência de dispositivos produtores de subjetividade e a conseqüente possibilidade de adesão prévia a discursos psicológicos. No caso, foi constatada uma clara predominância do perfil Não-Psicológico (ver gráfico N° 1), mesmo que em colégios de classe média e alta, o perfil tenha se mostrado nitidamente mais Psicológico. A julgar por estes dados iniciais deve se esperar uma baixa adesão aos dispositivos psicológicos sinalizados nos instrumentos de sondagem. O que não ocorreu, como será visto na seqüência.

**Gráfico N° 1. Perfil Geral**  
**Perfil Aplicação 3 (2006/7)**



**Tabela N° 1. Perfil por Escolas**

Escola	Psicológico	Quase Psicológico	Não Psicológico	Total
CAP	38	22	7	67
Franco	27	20	15	62
C.M.	7	15	51	73
P.F.	14	13	45	72
<b>Total</b>	<b>86</b>	<b>70</b>	<b>118</b>	<b>274</b>
<b>Frequência (%)</b>	<b>31</b>	<b>26</b>	<b>43</b>	<b>100</b>

## Sondagem 1: O poder da palavra do psicólogo

Com esta primeira sondagem, pretendeu-se avaliar a concordância dos participantes com certos enunciados, em função da posição do enunciador. Para pôr isto em cena, foram apresentadas três frases sobre a violência de natureza cognitiva, dinâmica e comportamental. Estas frases foram atribuídas a distintos enunciadores (psicólogo, líder religioso e político), variando num total de seis combinações. A expectativa é que a maioria das concordâncias deveria remeter ao psicólogo como proferidor, enquanto suposto detentor do capital da verdade “científica”.

As frases apresentadas foram formuladas a partir de alguns pré-testes que buscaram estabelecer um equilíbrio em suas escolhas: 1) A violência ocorre devido aos exemplos que uma pessoa aprende em seu convívio social; 2) A violência é produto das frustrações a que algumas pessoas ficam submetidas constantemente; 3) A violência ocorre por causa dos resultados recompensadores obtidos pelas pessoas que agem de forma violenta.

Os personagens fictícios aos quais foram atribuídas estas frases de forma combinatória entre seis possibilidades foram: William McGuire (psicólogo); Jonathan Benson (senador); Peter Haraway (líder espiritual).

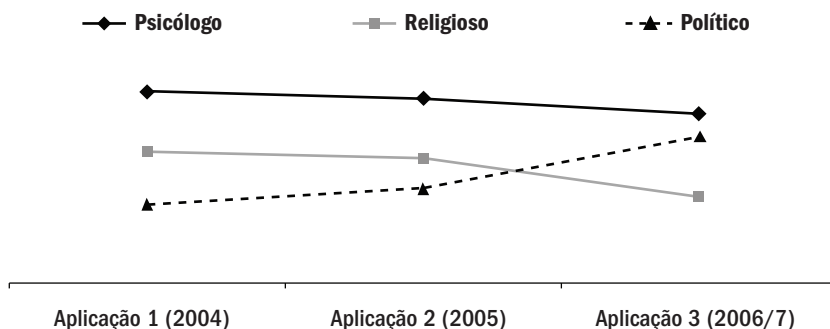
Como resultado, na terceira aplicação desta sondagem, foram tabulados 138 questionários. Nesta aplicação, como nas duas anteriores (Ferreira *et al.*, 2004 e 2005), não se constatou uma diferença significativa no teste do qui-quadrado (ao menos dentro das faixas de significância para os testes estatísticos em psicologia) quanto a escolha dos proferidores.

**Tabela Nº 2. Resultado da Terceira aplicação por frase**

	<b>Psicólogo</b>	<b>Religioso</b>	<b>Político</b>
<b>Frase 1</b>	11	8	7
<b>Frase 2</b>	11	9	8
<b>Frase 3</b>	6	5	4
<b>Total</b>	28	22	19
<b>Frequência (%)</b>	40	32	28

Igualmente, em todas as aplicações houve escolha majoritária por respostas atribuídas ao psicólogo. A única novidade diz respeito à alteração de posição dos demais proferidores, com a passagem do senador ao segundo posto. É possível verificar-se esses aspectos na tabela Nº 3:

**Gráfico N° 2. Sondagem 1 - Comparação entre as Aplicações**



**Tabela N° 3. Sondagem 1 - Comparação entre as Aplicações**

	Sondagem 1	Sondagem 2	Sondagem 3
<b>Psicólogo</b>	41%	40%	38%
<b>Religioso</b>	33%	32%	27%
<b>Político</b>	26%	28%	35%

Havia também nesta sondagem um espaço para os sujeitos justificarem as suas escolhas, o que não foi realizado pela maioria; os poucos que assim fizeram tomaram o conteúdo da frase como base, sem fazer referência às características dos proferidores. Como articular a preferência pelos psicólogos à ausência de qualquer justificativa ancorada no proferidor? A hipótese é a de que o psicólogo, como suposto representante do discurso científico, pode ter se revelado mais confiável na escolha dos pesquisados, ao menos em situações de dúvida entre duas frases.

### **Sondagem 2: Um instantâneo dos psicólogos**

O objetivo desta sondagem foi investigar se há uma imagem do psicólogo previamente estabelecida por parte dos estudantes pesquisados e, caso positivo, detectar que possível imagem seria esta. Pediu-se aos participantes que escolhessem cinco características referentes a estes profissionais, a partir de uma lista de vinte atributos. Paralelamente, os participantes deveriam



numerar de um a cinco a ordem de preferência de suas escolhas. Esta lista de vinte atributos foi proveniente de uma primeira aplicação em que os entrevistados escreviam livremente os atributos, sendo posteriormente destacados os mais freqüentes. A lista final assim ficou:

Amigo, Atencioso, Calculista, Calmo, Competente, Convincente, Corajoso, Criativo, Cuidadoso, Dinâmico, Detalhista, Estudioso, Excêntrico, Honesto, Inteligente, Manipulador, Observador, Obstinado, Prestativo e Talentoso.

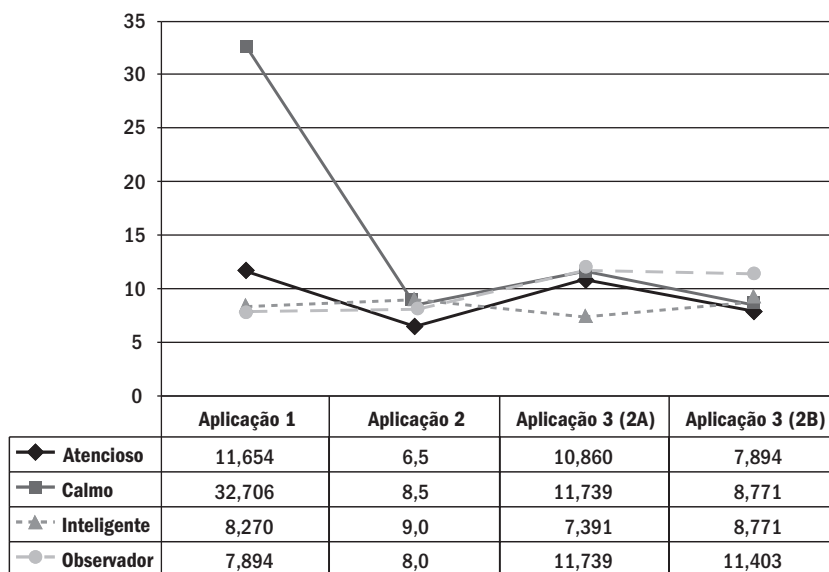
Nesta sondagem, desde a segunda aplicação, houve dois subtipos básicos de apresentação: a forma A, onde é apresentada apenas a lista apenas com os atributos a serem correlacionados a cada uma das quatro profissões, e quatro outras formas em que a lista anterior era relacionada a fotografia de um suposto profissional: forma B (psicólogo), forma C (médico), forma D (advogado) e forma E (engenheiro). A colocação da foto visa avaliar se a escolha das características do modelo da foto poderia ser influenciada pela profissão atribuída a ela.

Como resultado, foram analisados cerca de 140 questionários. Na observação destes, certas características relacionadas aos psicólogos se mantiveram em significativo destaque: observador, atencioso e calmo, apenas com uma pequena variação da forma 2A para a 2B, o que talvez possa ser explicado pelos aspectos especiais da foto utilizada. Estas características se mantêm predominantes desde a primeira aplicação (ver gráfico N° 3), o que pode nos levar a pensar que há uma imagem fortemente estabelecida do psicólogo dentre os estudantes de segundo grau (igualmente produzida no próprio momento da testagem). E o que o conjunto destas características implica? Pois a presença do psicólogo enquanto um observador sereno, receptivo e afetuoso, de um certo modo empodera-o como o mais apto a um certo tipo de acolhimento e condução da conduta dos demais.

### **Sondagem 3: O poder dos enunciados psicológicos**

Com a terceira sondagem tentou-se detectar um contraste no acolhimento dos pesquisados por enunciados de cunho psicológico, organicista e esotérico. Para haver fidedignidade, os enunciados foram propostos por psicólogos, médicos e pessoas ligadas a práticas esotéricas. Estes enunciados foram propostos como respostas a partir de questões que diziam respeito à causalidade, diagnóstico e tratamento de 12 temas. Estes temas eram de

**Gráfico N° 3. Sondagem 2 - Comparação entre as Aplicações**



natureza psicológica (como depressão e ansiedade), orgânica (como gastrite e hipertensão), ou esotérica (como visões e transe). Perante estes temas gerais, eram apresentadas seis alternativas para cada questão, alternativas que variavam igualmente, duas a duas, entre o formato psicológico, organicista e esotérico (havia o espaço para alternativas outras).

Eis um exemplo de um tipo de questão e suas alternativas:

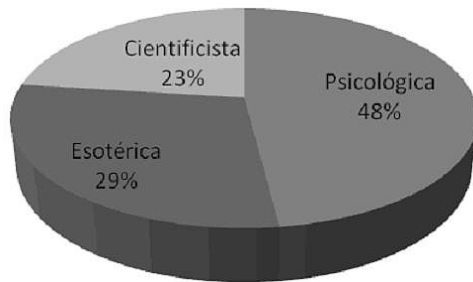
A melhor explicação para a causa da depressão é: a) a carência de substâncias químicas no sistema nervoso; b) a influência de energias negativas; c) a predisposição genética do indivíduo; d) a ocorrência de problemas emocionais; e) a presença de perturbações espirituais; f) a existência de conflitos nos relacionamentos sociais; g) outra alternativa.

O formato desta sondagem igualmente variou ao longo das diversas aplicações, desde o molde das Escalas de Atitude até as formas atuais com três alternativas: escolhas exclusivas dentre as alternativas (forma A); a pontuação de alternativas (forma B) e ordenação entre as alternativas (forma C).

Como resultado, foram tabulados 129 questionários (42 no formato A, 42 no formato B e 45 no formato C). Para avaliação destes resultados, foram utilizados o teste t de Student (forma A) e a análise da variância

(formas B e C). Foi mantida a predileção, como nas aplicações anteriores, pelos enunciados psicológicos no formato A (escolha livre) com 48% da preferência.

**Gráfico N° 4. Resultados Gerais do Modelo 3A - Terceira Aplicação**

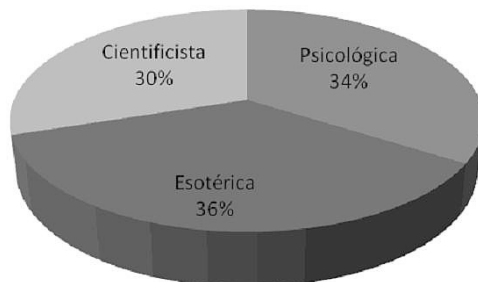


**Tabela N° 4. Resultados Gerais do Modelo 3A - Terceira Aplicação**

	Psicológica	Esotérica	Cientificista
<b>Total</b>	<b>223</b>	<b>138</b>	<b>109</b>
<b>Frequência (%)</b>	<b>48</b>	<b>29</b>	<b>23</b>

Entretanto, nos formatos B e C houve uma maior predileção pelos enunciados esotéricos (36% no formato B e C), diferentemente das duas aplicações anteriores, onde predominou claramente a escolha por enunciados psicológicos. Os gráficos e as tabelas abaixo ilustram os resultados da atual sondagem:

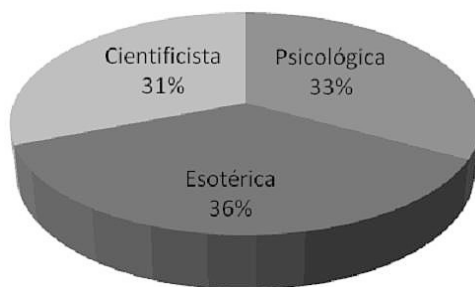
**Gráfico N° 5. Resultados Gerais do Modelo 3B - Terceira Aplicação**



**Tabela N° 5. Resultados Gerais do Modelo 3B - Terceira Aplicação**

	<b>Psicológica</b>	<b>Esotérica</b>	<b>Cientificista</b>
<b>Total</b>	2996	3243	2629
<b>Frequência (%)</b>	34	36	30

**Gráfico N° 6. Resultados Gerais do Modelo 3C - Terceira Aplicação**



**Tabela N° 6. Resultados Gerais do Modelo 3C - Terceira Aplicação**

	<b>Psicológica</b>	<b>Esotérica</b>	<b>Cientificista</b>
<b>Total</b>	3623	4051	3470
<b>Frequência (%)</b>	33	36	31

Esta variação a favor dos enunciados esotéricos pode ter ocorrido pelo fato destes terem ficado, na maior parte das vezes, com pontuações (formato B) ou ordenações (formato C) médias, ao contrário dos enunciados psicológicos e neurocientificistas, que oscilavam muito em suas pontuações e ordenações. De toda forma, este resultado mostra que quando a escolha por alguns dos discursos pode ser feita de forma mais livre, sem precisar fazer escolhas excludentes (como nos formatos B e C), a diferença de aderência entre os enunciados tende a ser menor.

#### **Sondagem 4: O balanço entre as diversas psicologias**

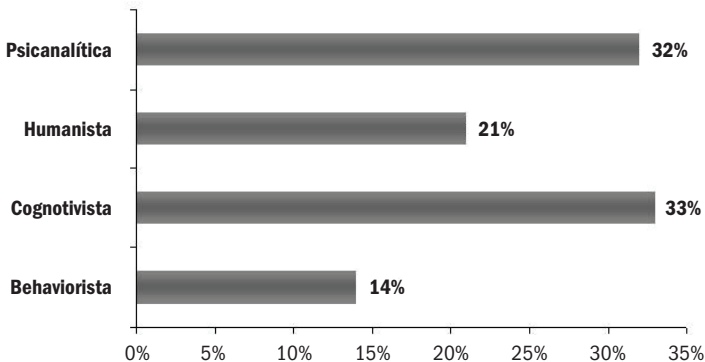
Com a quarta sondagem buscou-se uma avaliação da força dos enunciados das principais orientações psicológicas (psicanálise, humanismo,

behaviorismo e cognitivismo) a partir da consideração de certos problemas. Para isso, foram propostas nove questões que diziam respeito à causalidade, diagnóstico e forma de tratamento de diversos temas. Do mesmo modo que a terceira sondagem, neste modo foram propostos três formatos: no primeiro era pedido que os participantes marcassem a melhor opção (forma A), no segundo o nível de concordância (forma B) e no terceiro, que ordenasse por ordem de preferência (forma C). Para validação do instrumento foram consultados psicólogos pertencentes a cada uma das referidas tendências. Eis um exemplo dos tipos de sentenças:

A melhor forma de combater a anorexia nervosa (pavor de engordar) é: a) Modificando os pensamentos e opiniões da pessoa sobre a alimentação através de uma aproximação lenta e refletida; b) Buscando compreender os conflitos inconscientes ligados ao ato de se alimentar; c) Compreendendo a realização pessoal do indivíduo; pois esta pode estar em completa dependência da aprovação dos outros; d) Recompensando as formas de alimentação adequadas.

Como resultado foram tabulados 142 questionários, sendo 52 referentes ao modelo A, 45 ao B e 45 ao modelo C. Foram obtidas diferenças significativas nas análises estatísticas (para padrões de pesquisa em psicologia) do modelo A (teste t de Student) e nos modelos B e C (Análise da Variância). No caso, foi constatada uma preferência geral pelos enunciados psicanalíticos e cognitivistas, havendo uma alternância de preferência entre os dois. Os enunciados cognitivistas tendo maior preferência no formato A (escolha exclusiva) e a psicanálise nos formatos B e C (respectivamente pontuação e ordenação). Isto pode ser visto nas tabelas e gráficos abaixo:

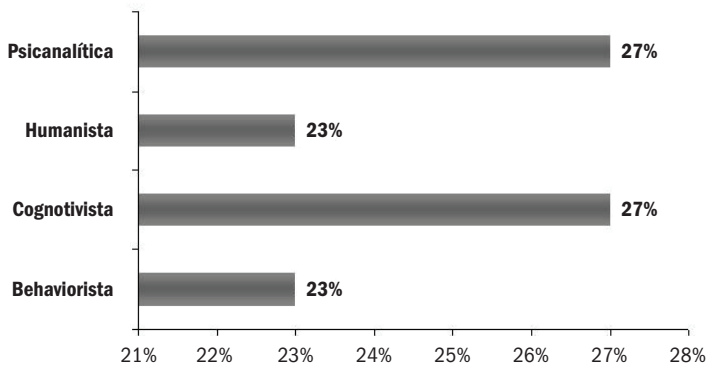
**Gráfico N° 7. Resultados Gerais do Modelo 4A – Terceira Aplicação**



**Tabela N° 7. Resultados Gerais do Modelo 4A - Terceira Aplicação**

	<b>Behaviorista</b>	<b>Cognitivista</b>	<b>Humanista</b>	<b>Psicanalítica</b>
<b>Total</b>	63	151	98	148
<b>Frequência (%)</b>	14	33	21	32

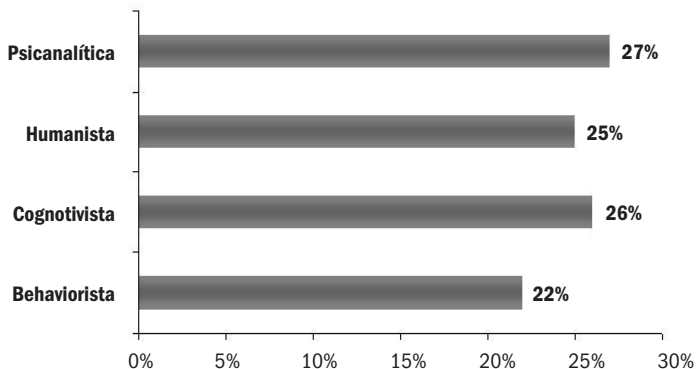
**Gráfico N° 8. Resultados Gerais do Modelo 4B - Terceira Aplicação**



**Tabela N° 8. Resultados Gerais do Modelo 4B - Terceira Aplicação**

	<b>Behaviorista</b>	<b>Cognitivista</b>	<b>Humanista</b>	<b>Psicanalítica</b>
<b>Total</b>	1281	1494	1302	1537
<b>Frequência (%)</b>	23	27	23	27

**Gráfico N° 9. Resultados Gerais do Modelo 4C - Terceira Aplicação**



**Tabela Nº 9. Resultados Gerais do Modelo 4C - Terceira Aplicação**

	<b>Behaviorista</b>	<b>Cognitivista</b>	<b>Humanista</b>	<b>Psicanalítica</b>
<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>629</b>	<b>591</b>	<b>652</b>
<b>Frequência (%)</b>	<b>22</b>	<b>26</b>	<b>25</b>	<b>27</b>

Esses resultados se coadunam com os da segunda aplicação na medida em que demonstram pontuações bastante elevadas para psicanálise e cognitivismo em detrimento do baixo número de escolhas por humanismo e behaviorismo. Ambas orientações disputam entre si a liderança ao longo dos anos e dos formatos. Este resultado se articula com o fenômeno atual de disputa entre as duas correntes que se dá no campo da conquista de maior status de cientificidade, financiamento de pesquisas e implementação de políticas públicas. Um exemplo deste fenômeno é o acirrado embate público na França entre as duas correntes.<sup>[2]</sup> Esse movimento acaba polarizando as discussões (o que pode ser uma explicação para a menor preferência por enunciados de outras linhas), e explica a oscilação entre a liderança do enunciado da psicanálise e do cognitivismo.

## **CONCLUSÃO**

Os resultados desta aplicação demonstraram que os estudantes demonstram grande aderência ao discurso psicológico frente às questões postas de um modo tradicional de conduzir pesquisa: estes tendem a concordar com enunciados proferidos por psicólogos, em detrimento daqueles proferidos por políticos ou líderes religiosos, tem uma imagem do psicólogo como aquele que observa à distância, que radiografa a alma humana, tem maior predileção por explicações psicológicas que esotéricas ou cientificistas e adere fortemente ao entendimento dos fenômenos humanos das principais correntes teóricas da Psicologia, sobretudo à Psicanálise e ao Cognitivismo, as correntes que atualmente mais têm propagado a seu público suas posições frente aos mais variados temas. Poderíamos concluir de modo simplificado, dizendo que tais resultados apontam claramente para um alto grau de produção de subjetividade psicologizada entre alunos do segundo grau.

[2] Aqui o estopim ou o sintoma deste conflito foi a publicação do *Le Livre Noir de la psychanalyse* por Catherine Meyer (2005).

Mas isto seria concluir ao modo representacional, mesmo que isto venha a contradizer em termos de resultado toda a perspectiva de refletir a realidade dos pesquisados de uma forma purificada. É preciso retomar a própria concepção de um conhecimento produzido enquanto uma articulação múltipla entre entidades, como faz a Epistemologia Política e a Teoria Ator-Rede. Sendo o conhecimento articulação e afetação, a influência jamais é vista como um problema. E aqui teríamos a divisão entre boa e má articulação (docilidade ou recalcitrância). E esta última seria rara na psicologia e ciências humanas, dada a forte submissão à autoridade dos investigadores.

Como estes modos de articulação de manifestam no modo de pesquisa realizado? Despret (2004) estabelece que a possibilidade da recalcitrância nos testemunhos psicológicos, bastante rara, se torna mais difícil ao lado dos dispositivos que trabalham com participantes colocados na posição de “ingênuos”. Aqui teríamos uma reversão com relação a maior parte dos manuais de história da psicologia: a passagem do sujeito treinado para o sujeito ingênuo não é apenas um passo adiante do conhecimento psicológico na direção da objetividade e do controle, mas um passo atrás na possibilidade de recalcitrância, engendrando articulações dóceis, assimétricas e limitadoras com relação aos seus testemunhos. Sujeitos sem a excelência da *expertise* não trazem risco de tomar posição nas investigações. É neste pacto que se fundariam muitas das pesquisas psicológicas. E assim se evitariam outras possibilidades de intercâmbio entre investigadores e investigados (Despret, 2002).

Contudo, estes dispositivos objetivantes não garantiriam uma posição de derradeira ingenuidade por parte dos sujeitos psicológicos; apenas uma posição ambivalente destes, entre a confiança, dada no crédito aos cientistas, e a desconfiança de que algo se esconderia, como pôde ser observado em entrevistas a participantes do clássico experimento de Stanley Milgram sobre obediência a autoridade (Despret, 2002). O efeito disto seria uma espécie de clivagem na consciência, típica das situações de confiança & desconfiança conjuntas: a obediência ao cientista, mas com uma certa suspeita na tentativa de se entender o que se passa. No caso da pesquisa aqui apresentada, alguns dos estudantes entrevistados posteriormente de modo claro compreenderam que se tratava de uma pesquisa de psicologia (associada a medicina, psiquiatria, jornalismo ou moda), visando compreender algo sobre a “mente ou comportamento das pessoas”. Em uma entrevista, um estudante afirmou que o próprio questionário funcionou como um teste vocacional, despertando-o para a “escolha para psicologia”.



Portanto, no caso dos resultados desta pesquisa, a captação de uma subjetividade psicologizada nos conduz a um dilema: a) ou o método representa bem a realidade, mas esta seria a da inexistência de um sujeito ingênuo e indiferente (pelo contrário, bastante psicologizado); b) ou o método falha mesmo tentando preservar a ingenuidade dos pesquisados, influenciando-os, extorquindo a sua verdade de forma mais insidiosa. De onde se pode concluir que estes instrumentos psicológicos, por mais redobrados que estejam em seus cuidados, jamais conseguirão captar a pureza de um sujeito despido de qualquer forma de influência, à moda de uma tabula rasa. Mesmo, e especialmente nos próprios meios das pesquisas mais canônicas (como o realizado nesta investigação) não há modo de se despir de alguma influência, tendo ela ocorrido ou previamente por dispositivos diversos espalhados pelas redes sócio-técnicas (ainda que não claramente estabelecidos como pôde ter demonstrado o perfil) ou posteriormente pelos modos de articulação produzidos pela pesquisa.

À guisa de conclusão pode-se dizer que finalidade deste trabalho, portanto, não é a de libertar a psicologia deste afã purificador em nome da verdade científica, ao mesmo tempo que produtor de subjetividades (o que seria também um processo de purificação). Mas justamente poder captar algo deste processo no recurso paradoxal de seus métodos e estratégias mais purificados. E abrir, assim, a possibilidade de outras formas de se produzir o saber psicológico, tornando este “o lugar de exploração e de criação disso que os humanos podem ser capazes quando se os trata com a confiança que se dispensa aos *experts*” (Despret, 2004: 102). Que talvez não sejam muito diversas do que fazemos agora. Mas sem qualquer pretensão purificadora. Costuradas na produção de um “pluriverso” de subjetivações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bernard, M. (1973), “A psicologia”, em Chatelêt, F. (ed.), *História da Filosofia. Idéias doutrinas*, Lisboa, Dom Quixote, pp. 19-88 [en español: Bernard, M. (1976), “La Psicología”, em Chatelet, F. (ed.), *Historia de la filosofía*, Madrid, Espasa-Calpe, pp. 17-99].
- Canguilhem, G. 1973 [1956], “O que é psicologia?”, *Tempo Brasileiro*, Nº 30/31, pp. 104-123 [en español: Canguilhem, G. (1997), “¿Qué es la psicología?”, *Revista colombiana de psicología*, vol. 7, pp. 7-14].
- Despret, V. (1999), *Ces émotions que nous fabriquent. Etnopsychologie de l'authenticité*, Le Plessis-Robinson, Synthélabo.

- (2002), *Quand le loup habitera avec l'agneau*, Paris, Les empêcheurs de penser en rond.
- (2004), *Hans, le cheval qui savait compter*, Paris, Les empêcheurs de penser en rond.
- Ferreira, A. A. L. (2001), “Por que existem tantas psicologias?”, *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, vol. 13, pp. 9-16.
- et al. (2004), “A psicologia como instrumento de produção de subjetividades”, *Temas em Psicologia*, vol. 12, Nº 2, pp. 145-154. Disponível em <<http://www.sbponline.org.br/revista2/vol12n2/v12n2a05.pdf>>, (01/02/2011).
- et al. (2005), “A psicologia no mundo das subjetividades em produção”, *Série Documenta (UFRJ)*, vol. 16, pp. 1-26. Disponível em <[http://www.psicologia.ufrj.br/pos\\_eicos/pos\\_eicos/arqanexos/documenta/doc16\\_art5.pdf](http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arqanexos/documenta/doc16_art5.pdf)>, (01/02/2011).
- Foucault, M. (1957), “La Recherche Scientifique et la Psychologie”, en Morère, É. (ed.), *Des Chercheurs Français s'Interrogent. Orientation et Organisation du Travail Scientifique en France*, Toulouse, Privat, pp. 173-201.
- Garcia Roza, L. A. (1977), “Psicologia: um espaço de dispersão do saber”, *Radice*, vol. 4, pp. 20-26.
- Gagey, J. (1968), *Analyse spectrale de la psychologie*, Paris, Marcel Rivière.
- Gergen, K. (1976), “Social Psychology, History and Science”, *Personality and Social Bulletin*, vol. 2, pp. 373-383.
- Lagache, D. (1988) [1949], *A unidade da psicologia*, Lisboa, Edições 70 [en español: Lagache, D. (1985), *La unidad de psicología: psicología experimental y psicología clínica*, Barcelona, Paidós].
- Latour, B. (1997), “Des sujets recalcitrant”, *Recherche*, Nº 301, p. 88.
- (1998), “Universalidade em pedaços”, *Mais!-Folha de São Paulo*, 13 de setembro, p. 3.
- (2001a), “O fluxo sangüíneo da ciência: um exemplo da inteligência científica de Joliot”, en Latour, B., *A esperança de Pandora*, Bauru, EDUSC, pp. 97-132 [en español: Latour, B. (2001), *La esperanza de Pandora. Ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia*, Barcelona, Gedisa].
- (2001b), “Glossário”, en Latour, B., *A esperança de Pandora*, Bauru, EDUSC, pp. 345-356 [en español: Latour, B. (2001), *La esperanza de Pandora. Ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia*, Barcelona, Gedisa].
- (2004), “How to talk about the body”, *Body & Society*, vol. 10, Nº 2/3, pp. 205-229.
- Law, J. (2004), *After Method: mess in social science research*, Nueva York, Routledge.
- Meyer, C. (2005), *Le Livre noir de la psychanalyse*, Paris, Les Arènes.

- Mol, A. (2002), *The body multiple: Ontology in medical practice*, Durham, Duke University Press.
- Pagés, R. (1958), “Quelques remarques sur Qu’est-ce que la psychologie?”, *Revue de Métaphysique et de Morale*, vol. 63, N°1, pp. 26-31.
- Rose, N. (1998), *Inventing our selves: psychology, power, and personhood*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Roudinesco, E. (1993), “Situation d’un texte: ‘Qu’est-ce que la psychologie?’”, en Collège International de Philosophie (ed.), *Georges Canguilhem. Philosophe, historien des sciences*, Paris, Albin Michel, pp. 135-144 [en español: Roudinesco, E. (s./f.), “Situación de un texto: ¿qué es la Psicología?”. Disponible en <[http://www.elseminario.com.ar/biblioteca/Roudinesco\\_Situacion\\_texto.htm](http://www.elseminario.com.ar/biblioteca/Roudinesco_Situacion_texto.htm)>].
- Staats, A. (1991), “Unified Positivism and Unification Psychology: Fad or New Field?”, *American Psychologist*, vol. 46, N°1, pp. 899-912.
- Stengers, I. (1989), *Quem tem medo da ciência?*, San Pablo, Siciliano.

Artículo recibido el 13 de abril de 2012.

Aceptado para su publicación el 3 de junio de 2012.